

DÁDIVA E AMOR

elementos para um diálogo interdisciplinar numa ótica psico-sócio-cultural

Armando Catemario^{1*}

Resumo: O artigo discute o conceito de amor agápico na perspectiva psico-socio-cultural. Em particular, o autor prevê uma ligação entre o pensamento de Fromm e Lubich sobre o tema da *Arte de Amar*. Além disso, o artigo discute sobre altruísmo, salientando a importância da dimensão emocional de amor.

Palavras-chave: Amor agápico. Pesquisa psico-social. Antropologia cultural. Altruísmo. Emoções. Ação social.

Abstract: The paper discusses the concept of agapic love in the psycho-socio-cultural perspective. In particular the author envisages a link between the thought of Fromm and Lubich on the topic of *The art of Loving*. Moreover the paper discusses about altruism, stressing the importance of the emotional dimension of love.

Keywords: Agapic love. Psycho-social research. Cultural anthropology. Altruism. Emotions. Social action.

¹ Professor Catedrático de Antropologia Cultural na Sapienza, Università di Roma (atualmente exerce outro cargo). E-mail: armando.catemario@uniroma1.it.

* Autor convidado.

Muitos foram os elementos do ensaio de Paulo Henrique Martins que me impresionaram, mas eu queria, aqui, me ocupar de um aspeto que talvez seja o que se encontra menos presente nas discussões sobre a ágape e sobre o amor em geral entre os cientistas sociais.

O grupo de estudo Social-One tem como segundo título “Ciências Sociais em diálogo”, no entanto, em todas as reflexões aqui feitas se encontra ausente a psicologia social. Então, deste ponto de vista, tendo em conta quanto foi escrito pelo professor Martins, quero sublinhar a importância da afetividade, entendida como emoção, emoção estética, emoção lúdica.

Sabemos que este não é um aspeto secundário: existem, por exemplo, pesquisas que defendem até que as relações afetivas são fundamentais em economia de empresa. Portanto eu, humildemente, queria chamar a atenção para este aspeto, introduzindo-me também, no discurso sobre o dom e o amor, a afetividade e a emoção. Como antropólogo cultural especializado em cultura e personalidade, queria portanto falar de emoções, plasmadas pela cultura, mas que têm também um fundamento natural.

Para falar de amor me queria referir a Erich Fromm, um psicanalista cultural neo-freudiano, que escreveu uma obra miliar sobre o amor, com o título *L'arte di amare* (1956), título que foi mais tarde usado por Chiara Lubich (2005)² (outro ponto de referência do meu discurso). Fromm utiliza uma definição do psiquiatra americano Sullivan (1953), que no entanto o aplicava apenas á pré-adolescência: amor é sentir as necessidades dos outros tão importantes como as nossas.

Penso, portanto, que esta, possa ser considerada uma forma mais articulada de empatia. Por outras palavras, trata-se de uma evolução de um conceito alemão, *Einführung*, entendido como *Inneren fühlen*, que quer dizer sentir no íntimo. Mas o sentir no íntimo pode significar só compreender. Então, qual é o motor, o estímulo a amar entendido como tomar conta dos outros?

Tomar conta dos outros pode surgir de variadas motivações: os outros podem ser atraentes porque têm características especiais, capacidades ou qualidades com as quais se tem o prazer de estar. Mas o amor que se funda na condição da atração é um amor no qual as necessidades dos outros não se encontram presentes e, se estão presentes, não são instrumentalizadas. Aqui é importante a obra da Lubich: o amor cheio – ágape – é amar a todos, independentemente daquilo que nos dão, como prazer ou como lucro.

² Chiara Lubich (2005) usou de forma independente tal título embora tenha feito uma referência, em rodapé, à obra de Fromm.

Sentir as necessidades dos outros parece que é uma herança da evolução natural. A psicologia social, após dos anos 60, inaugurou um sector que se tornou cada vez mais importante, aquele do estudo do comportamento pro-social, isto é, do altruísmo (Catemario, 2003, p. 111).

Altruismo é o termo usado também por Sorokin (1954) – um autor importante para o trabalho desenvolvido pelo grupo de Social-One – e é mencionado no glossário anexo ao texto, *L'amore al tempo della globalizzazione* (Araújo, et al. 2015), de seguida, são feitas agudas distinções entre empatia, altruísmo, solidariedade, etc.

Nós dizemos, num modo mais simples, que se descobriu como a criança, contrariamente às visões freudianas que a consideravam uma campeã dos vícios mais fundamentais da humanidade, entre os quais o egoísmo, pelo contrário, é altruísta. Ela é capaz de cooperar, direi ainda mais, tem vontade de cooperar. Cooperar é uma competência inata na criança que se desenvolve com o crescimento. Algumas investigações, por exemplo, demonstram como a criança se comove quando vê que a mãe está triste e lhe oferece o seu brinquedo preferido, para que possa ultrapassar o seu estado de sofrimento (Zahn-Waxler; Radke-Yarrow, 1984).

Isto acontece quando a criança já tem 2 anos de idade. Me lembro que, a este propósito, um número de Psicologia Contemporânea, uma revista internacional de psicologia da qual existe uma versão italiana, publicou um artigo de Pines (1980), uma psicóloga social, com o título *O bom samaritano aos dois anos*. O psicólogo Tomasello (2010)³ numa das muitas experiências, constatou que, diante de um adulto que tenta abrir a porta de um armário, mas não consegue, a criança, depois de alguma hesitação, lança-se, abre o armário e depois sorri para o adulto.

Assim, a propósito do bom samaritano, talvez possa fazer, ocasionalmente, uma crítica à definição de Lefort (1978), feita precisamente por Martins na sua comunicação: o dar, não se dá para receber mas para que o outro dê. No entanto, o samaritano não socorre o coitado para que ele no futuro também dê, mas o faz para que ele sobreviva. Eu não tenho o tempo necessário, nem o pedido de me ocupar aqui de psicologia social no seio de uma reflexão sociológica dedicada ao dom e ao amor. No entanto, queria dizer que a ágape – e aqui retomo

³ Passim. Nos interroguemos sobre a afirmação de Cristo que afirma que se não nos tornarmos como crianças não entraremos no Reino dos Céus. (V. MT. 18,3-4)

uma passagem forte da comunicação de Martins – não é só um fazer sem sentir, como afirma o grupo de Social-One no livro *L'amore al tempo della globalizzazione*, no qual se diz que “a ágape não é um sentimento, é um fazer”⁴ (Araújo, 2015, p. 10), mas o amor é um fazer e um sentir também. Eu penso que o sentir faz o fazer.

Basta pensar à experiência de um assistente social: o assistente social pode ajudar de maneira fria mas as pessoas em geral têm a necessidade de sentir calor, de sentir que o outro se interessa por ele. E, ainda mais, para o assitido, sentir que para o assitente social ele existe, sentir que uma pessoa toma conta dele com o coração é uma questão fundamental. Aqui, o sentir é antes de mais a motivação fundamental do agir agápico.

Claro que existe um sentir sem o fazer. É aquele de quem se comove quando vê um filme no qual se fala de amor de modo ternurento e, no entanto, não se moveria um dedo ou não se faria praticamente nada numa situação na qual fosse necessário alguém portanto não se tomaria conta do outro. No entanto, existe também um sentir que apoia o fazer. Porque é que temos que estudar este aspeto? E principalmnte como é que temos que o estudar? Martins, por exemplo, diz que no dom existe uma afetividade que é posta em movimento e fala de qualquer coisa deste género que pertence à realidade de quem dá. Consolar os aflitos também é um dom; mas – pergunto eu – como se faz a consolar os aflitos, se não se sente nada? Se não se é capaz de se identificar com a tisteza do outro, com a angústia do outro, mas também com a sua vida. Como é que se pode tomar conta de uma pessoa?

Na minha opinião, sentir e fazer são um *continuum*. Certamente que se trata de um *continuum* que pode ser interrompido. Isto também deve ser estudado. Por exemplo, existem pessoas que se comovem quando alguém faz um ato de amor a outra pessoa, mas ele não consegue fazer um ato de amor. Então, é como se esta pessoa dissesse a si mesmo: ainda bem que existe alguém que é bom, como se sentisse mais protegido na sua vida. Como afirmava o escritor americano Vargas, a verdadeira revolução é a bondade, mas a bondade é um sentir. Este sentir deve ser visto em toda a sua complexidade, quer dizer, também na sua possibilidade que o *continuum* entre o sentir e o fazer seja interrompido.

O agir agápico, porém, é complexo: nós podemos conceber também um amor que tenha efeitos negativos, que, no limite, chegue a encorajar a preguiça dos outros. Eis um exemplo. No texto *L'amore al tempo della globalizzazione* define-se o amor como excedência

⁴ “L'ágape non è un sentimento, è un fare” T. do T.

do dar, uma excedência que não espera uma recompensa e que não tem outra motivação senão aquela de dar um benefício ao outro (Iorio, 2015, p. 32). No mesmo texto, dá-se um exemplo de ato de amor: é um gesto de uma moça que estava estudando e diante do pedido da mãe, oferece-se para ir buscar o leite em vez da sua irmã mais pequena que não tinha muita vontade de sair. Enquanto estava fora, começou uma tempestade violenta, num fim de tarde invernal (Iorio, 2015, p. 43). Obviamente que se trata de um pequeno ato de amor: trata-se de poupar á irmã mais pequena uma tarefa árdua. No entanto, neste ato também se encoraja a preguiça, a preguiça da irmã. Fiz este exemplo para dizer que, para além das definições gerais, nós temos que nos ocupar também dos casos especiais, quer dizer, entrar na dinâmica do tomar conta, do agir agápico. É uma dinâmica complexa quer no que diz respeito à motivação do beneficiário, quer em relação ao doador (Araújo et al., 2015).

O doador, por exemplo, quando recebe determinado ato de amor pode prejudicar outrém; portanto é necessário analisar bem o processo. Se eu quero, por exemplo, favorecer do ponto de vista económico uma pessoa que está em dificuldade, isto pode significar tirar esta oportunidade a outra pessoa que se encontra nas mesmas condições. Acho que já estou a demorar muito na análise destes aspetos para explicar a necessidade de penetrar na complexidade da dinâmica do amor, isto é, dos problemas situacionais que criam contradições para a ética do dar e do amar.

Quero acrescentar uma última coisa. Para a ilustrar queria citar uma frase que Papa Francisco pronunciou ultimamente: os intelectuais fazem muitas abstrações, fazem discursos muito abstratos, cheios de definições e especulações, que às vezes, fazem perder “o suor presente nas coisas”⁵. Este “ suor do amor”, na minha opinião tem que ser posto em evidência na nossa reflexão.

Outro aspeto ainda posto em luz, como eu dizia no início, do ensaio do prof. Martins, na minha opinião que permanece central e significativo é a importância das emoções. Também sobre este aspeto o Papa Francisco se exprimiu bem quando disse que, olhando para Maria, se percebe bem a força revolucionária da ternura: existe uma coisa – diz Papa Francisco na carta ao católico – que o cristianismo não desenvolveu bem até ao fim nestes milénios, é a ternura.⁶

⁵ “La Repubblica”, 23-09-2015, 32.

⁶ “Il Sole 24 ore” del 4-10-2015, 33 e “Il Messaggero”, 23-09-2015, 1.

Termino com o desejo de alargar a nossa reflexão sobre o amor á ternura. Eis, portanto, como o nosso tomar conta dos outros é um fazer e um sentir.

Referências

- ARAÚJO V., CATALDI S., IORIO G. (2015), *L'amore al tempo della globalizzazione. Verso un nuovo concetto sociologico*, Roma, Città Nuova.
- CATEMARIO A. (2003), *Interessi e ideali tra natura, cultura e storia*, Roma, Kappa.
- FROMM, E. (1956), *The Art of Loving*, New York, Harper.
- IORIO (2015), *L'amore agape. Uno strumento di analisi*, in ARAÚJO V., CATALDI S., IORIO G., *L'amore al tempo della globalizzazione. Verso un nuovo concetto sociologico*, Roma, Città Nuova, 23-46.
- LUBICH C. (2005), *L'arte di amare*, Roma, Città Nuova..
- RADKE-YARROW M., ZAHN-WAXLER P., ROOTS (1984), *Motives and Patterns in Children's Prosocial Behaviour*, in Staub F. (et al.), *Development and Maintenance of Prosocial Behaviour*, New York, Irlenum.
- PINES M. (1980), *Il buon samaritano a due anni*, in «Psicologia contemporanea», 41, 9-16.
- SULLIVAN (1953), *The Interpersonal Theory of Psychiatry*, New York, Norton.
- SOROKIN P. (1954), *The Ways and the Power of Love*, Boston, The Beacon Press.
- TOMASELLO M. (2010), *Altruisti nati*, Torino, Bollati Boringhieri.